

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--19 de Agosto-1926

**5 TOSTÕES**



sempre **15**  
**five** *semanário*  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 195  
RUA DA ROSA, 57

# AGUA MOLE EM TRIPA DURA TANTO DÁ ATÉ QUE A FURA

\*A inocuidade da agua assim tratada, é incapaz por toda a ordem de razões, de causar perigo á saúde publica..

*[Nota officiosa da saúde]*



O dr. Ricardo Jorge:— Não sabem o que é isto?! Então não se vê logo que é um copo com agua depois de desinfectada?! Estupidarrões!



## Os ditos da semana



Um politico dos mais notáveis — e, sem favor, dos de maior cabeça — da politica portuguesa, cujo nome o leitor não precisa de adivinhar (basta lêr isto), foi convidado e accitou, sem indignidade — tal os termos honrosos do convite — para fazer parte da administração do novo Banco de uma das nossas provincias ultramarinas.

Não queremos arcaas encoiradas: trata-se do sr. Cunha Leal, que é alguém na terra portuguesa.

Agora — a anedota.

Dizem que aquele senhor, antes de dar o «sim» definitivo, pediu um prazo de espera.

— Quanto tempo?

— Bastam cinco minutos.

E rapou de uma folha de papel e escreveu uma carta — sem data — ... a pedir a sua demissão...



Na Camara Municipal, um vereador, o sr. Veiga e Sousa, apresentou uma proposta criando varias penalidades para os cães que sejam nas ruas encontrados sem açaimo.

\* Na mesma sessão, um outro vereador apresentou uma proposta para se levantar 8.000 contos na Caixa Geral dos Depósitos — a fim de se pagar

aos crédores da Camara, que andam a ladrar ás finanças ha muito tempo.

Como se vê, o segundo vereador tratou logo de pôr em execução a proposta do primeiro vereador, relativa aos «cães».



A anedota que segue passou-se nesta ultima semana ou ha pouco tempo atrás. Se não tiver graça, tem o merito de ser autentica.

Intitula-se — a anedota do soldado desconhecido.

Um financeiro de Lisboa, por pedido da sogra, viu-se na necessidade de pedir a transferencia, da provincia para um regimento da capital, de certo mancebo, soldado razo de infantaria.

Veio o rapaz para Lisboa, onde estava a sua protectora, e era tão boa ou tão má pra-

ça que dias depois era levado, sob prisão, para uma unidade da provincia, — Lamego.

Nova intervenção da sogra. Nesta altura, o financeiro, apavorado com o desgosto da sua boa parente, solicitou de um amigo, fura-vidas e com situação politica, ou como tal suposta, que... fizesse tudo quanto pudesse para pôr o soldado em liberdade, senão a sogra... era capaz de não morrer de desgosto.

— Mas de quem se trata?

— Homem, de um soldado qualquer. Um soldado desconhecido...

O que se tornava preciso era salvar o homem.

— Mas eu não tenho cinco réis.

— Não te rales. Faz ali um vale de cinco contos. Gasta o que fôr preciso.

Partiu o emissario para Lamego, e ao cabo de 24 horas conseguiu pôr o rapaz na rua,

O emissario, uma vez em frente do ex-soldado liberto, verificou que tinha ainda quatro contos e quinhentos, e resolveu integrar-se no feitio do rapaz, ex-delituoso, e partiram ambos em vilegiatura.

Foram para o Algarve, depois Alemtejo, depois Beira Baixa.

Em Castelo Branco faltou o capital, e vá de enviar um telegrama ao financeiro:

«Tudo quasi arranjado; succede apenas que tive de vir a Castelo Branco falar com alguém. Dinheiro acabou-se. Repita o vale.»

Veio o dinheiro, por conta da sogra, e o emissario e o ex-soldado partiram para o Busaco, depois para a Granja, depois para o Porto.

Daqui recebeu o financeiro interposta noticia — da marcha vitoriosa dos dois homens. E vá de telegrafar para o Hotel do Porto:

«Venha já, precisa explicar-se».

Ao chegar a Lisboa, o emissario apresentou o soldado livre e tambem a seguinte explicação requerida:

— Meu amigo. Todas as despesas e homenagens foram poucas. Tratava-se de «soldado desconhecido».

Autentica.

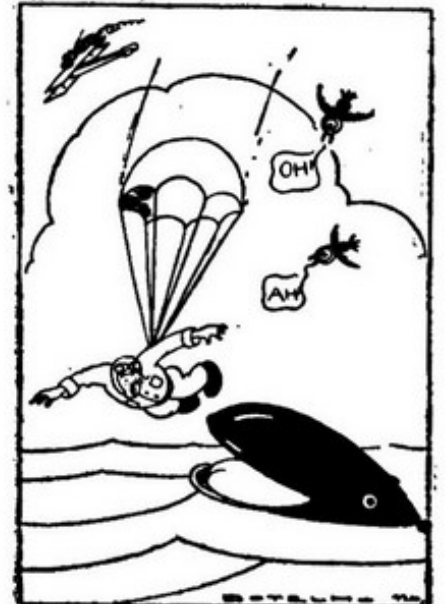
## HOMENAGEM DO sempre fixe



HOMEM CHRISTO FILHO



Um autentico menino da Graça...



— Valha-me Nossa Senhora do Axi

# Ceia dos Marechais

## Parodia á «Ceia dos Cardiais»

### PERSONAGENS

Cadaver — Z. P. (imitando o cardeal português)  
Desejado — A. C. (imitando o cardeal francês)  
Couraceiro — P. C. (imitando o cardeal espanhol)  
Um criado bem fardado.

**DESCRIÇÃO DA SCENA:** — Um gabinete de restaurante. A scena representa um con unto bem disposto de granadas e bombas de mão sob uns trofeus de espingardas e lanças. A base, como um aparador, será feita de sacos de areia — emfim uma disposição igual á da scena da «Ceia dos Cardeais».



**Criado** (entrando, coloca sôbre a mesa uma travessa com um grande leitão assado, no lombo do qual se deve ler a palavra «Politica»)

**Zé Cadaver (Compère)** (indicando a travessa)

Senhor's: — a grande porca!

**O Desejado** (caricatura de Afonso Costa)

Eu, que vivo em Paris, no mundo da finança e que oiço o que se diz; eu, emfim, é que posso, é que devo falar...

**Couraceiro** (caricatura de Paiva Couceiro)

Para dizer o quê?

**O Desejado**

Que é tempo d'acabar, duma vez para sempre, — a raça aos tubarões que só sugam o povo e fazem rev'luções...

**Couraceiro**

Isso fôí sempre assim... E' vêr quem mais emborca!...

**Compère** (esfomeado)

Meus amigos, então!... Vamos á grande porca... Não seremos nós três, embora com vontade, que havemos de salvar o povo do atoleiro.

**Couraceiro**

Salvá-lo-hia um só!...

**Desejado** (irónico)

Já sei: — O Couraceiro.

**Compère** (impaciente)

Demos mais tempo ao tempo e acabe a chinfrineira. Repito, amigos meus: — vamos á trincadeira!...

**Desejado** (trinchando e servindo o Couraceiro)

Uma unha, meu caro e fero comandante E' dura de roer, mas você e constante e não lhe volta a cara!...

**Couraceiro**

Eu fui dos persistentes; e p'ra o que fôr preciso, inda tenho alguns dentes!...

**Desejado** (ao «compère»)

Tu, cadaver amigo, hoje alargas a cilha!... Vais no lombo?

**Compère**

Perdão: — eu vou na rabadilha!

**Criado** (serve o vinho)

**Desejado** (bebendo)

Que Porto!... Que delicia!...

**Couraceiro** (recusando o vinho)

Eu nunca fui verruma, mas, se é Borges & Irmão, de maneira nenhuma!...

**Desejado** (sorrindo)

Estou-me agora a lembrar que, sendo tão amigos, não fizemos ainda a confissão dos p'rigos por que temos passado, em nosso atrás viver...

**Compère**

Falar de trinta e uns!?...

**Couraceiro**

Porque não ha de ser?...

Eu creio que ninguem pode levar a mal que a gente se recorde...

**Compère**

E não, porque afinal recordar é viver, transformar num sorriso as horas d'afflicção, erguer, em paraizo, todo aquele pavor que a metralha derrama, embora ouvido em casa...

**Desejado** (atalhando)

E debaixo da cama...

**Couraceiro**

Portanto, — vamos lá...

(ao compère)

Fale o mais fraco...

**Compère**

Não...

(indicando o Desejado)

Fale o mais forte...

**Desejado**

Nunca!

**Couraceiro**

Ah! sim!... Falo eu, então: Aos vinte ou vinte e dois, proximamente, fui mandado para Angola... Ai! como se dilue o tempo, assim de longe! Eu era, então, tenente. Decidido, arrogante, em conclusão, — valente, sentia-me capaz, por suprema façanha, de torcer o pescoço ao proprio Gungunhana! E se o sol não matei, ao vê-lo das planuras, foi para não deixar os negros ás escuras!... Um dia, lá voltei, por um milagre, ileso, e, muito decidido a tudo, — armei em teso. Correram-me co'a sorte, e eu disse então: — deslisa... E, sem olhar p'ra trás, meti-me na Galiza. Que dias lá passei!... Preparei incursões, mas tudo fracassou, por mal dos meus dragões!... Cansado, sem vintem, recolhi-me á privada, 'té que um dia chegou a amnistia usada, que me deixou voltar ao meu torrão natal...

**Desejado**

E depois?

**Couraceiro**

E depois... isto corria mal... Revoltei-me, e venci!... Pinteí o diabo a quatro! Fiz nova Inquisição no Eden Teatro do Porto, e all, feliz me achava qual nenhum, quando um dia, — zás, trás, catrapuz, pim, pam, pum, — e tive que grammar, de novo, a mala ás costas, senão, os figurões, retalhavam-me em postas!... Quasi que andei a monte... Emfim, — uma dôr d'alma! ligava-se ao troar dos canhões em campanha, a dentro da cidade... Era minha a marinha; o exercito era meu e a «Brasileira», — minha!...

(Tentando recordar-se)

Ora deixem cá vêr se recorço a toada...

(Trauleando a Maria da Fonte)

Oh! não!... Não era assim...

(Puxa duma pistola e dá dois tiros)

Não se parece nada...

Era... Deixa-me vêr...

(Tira uma bomba do bolso e lança-a á rua. Alegre, depois de ouvir a explosão):

Achei!... Lembro-me bem!...

Sim, finalmente!...

(Cantando):

São como beijos de mãe!...

(Com desalento):

Depois... Só de o lembrar todo me afogo em magua!... Chegou Dezembro e zás: — dei co'os burrinhos n'agua! Fui viver p'ra Paris... Um dia, uns figurões, inventaram não sei que cincoenta milhões de historias, para que eu regressasse ao pais, mas fiz-lhes, lá de longe... Eu não digo o que fiz!...

(Conclue no proximo numero).

Quadro Inédito duma revista  
de BARBOSA JUNIOR e SILVA TAVARES

# TEATRO RETROZ PRETO

ESTAMOS na quadra das «tournées» teatrais.

Em Lisboa, os poucos actores que ficaram estão sequiosos, tão sequinhos como os teatros, sem publico, sem dinheiro.

Ai dos que não arranjaram alguma «tournée» para o verão!

E sempre assim foi.

Ao pobre Holtremann, sempre infeliz no arranjo de colocação, perguntaram uma vez:

—O' Holtremann, tens alguma coisa para o verão?

E o Holtremann, sem contrato, respondeu ironico:

—Tenho. Tenho um chapéu de palha lá em casa. ..

■ ■ ■

ANUNCIA-SE no T. do G. a peça «O Naufragio d'O Lagosta».

Como a companhia daquele teatro tem estado a naufragar, devia esta peça chamar-se «O Naufragio do Martir».

■ ■ ■

C. P., o grande e rotundo actor, vai para Vichy.

A indigestão com o «Arroz de quinze» foi de tal ordem que só a aguas medicinais se pode curar da fartura de riso que pregou ao publico.

■ ■ ■

ULTIMAMENTE tem-se dissolvido algumas companhias.

A do C. P. e a do J. A. da C., por exemplo.

São dois artistas de peso, de valor e de talento.

E' lastimavel que isto se dê em Portugal!



## Uma que vem e outra que vae

E andam por ahi artistas, com bem menos talento... que conseguem viver, e viver bem...

■ ■ ■

TERÇA-FEIRA passada, emigrou para o Brasil uma companhia de revista.

L. D., que vai como *estrela*, leva na bagagem 80 *toilettes*, um automovel e uma secretaria de carne e osso.

Será para fazer inveja á Mistinguett?

■ ■ ■

AS COMPANHIAS teatrais que andam a tomar ar por essa provincia fóra, tem passado as «passas do Algarve»...

Conta-nos aqui ao lado um amigo, que uma delas—o nome é escusado—teve de an-

dar a pé doze quilometros por falta de dinheiro...

E' triste! E' tanto mais triste quando dessa «tournée» faz parte uma artista que merece ser melhor acolhida e ter outro meio de condução...

Já de ha muito que não andava a pé, tendo até tido contratos onde era obrigatorio o trem aturado...

■ ■ ■

O T. M. V. vai ter outra parceria.

Pelo visto já sobram os autores. O pior é que as peças faltam...

■ ■ ■

A ACTRIZ E. L., que se perdeu em Paris durante muito tempo, como não quer representar no T. N., representa

gentilmente por essas ruas de *mecanetti*.

Não sabemos a marca do automovel. O que desejamos é que o carro não seja vitima de nenhum atropelamento...

■ ■ ■

O ANUNCIO do T. M. V. finda assim:

«Ao Olarila! Ao Olarila!»

Deve ser engano do reclamista. O que se devia ter escrito devia ser:

«A' Olaria! A' Olaria!»

LÁ é que se deviam mandar fazer os revisteiros, para ver se se conseguir ter uma revistinha decente e original...

■ ■ ■

HA por ahi determinado actor que é um fervoroso admirador de Baccho.

Encontrando um amigo, e perguntando-lhe este se estava bem de saude, obteve a seguinte resposta:

—Muito bem, sempre no vinho...

■ ■ ■

O T. do G. pretende ser um bom e bregeiro «restaurant».

Depois das «Três Meninas... Núas», prato de pouca resistencia, o «Naufragio d'O Lagosta»...

Cuidado com o marisco!

■ ■ ■

O «Cabaz de Morangos» já está muito maduro.

Era tempo do publico comer a fruta—senão passa o tempo e o apetite.

**O Homem das 5 horas**



A palavra é de prata...



...mas o silencio é de ouro...

# Historia DE policias

**Sherlock  
de trazer por casa...**

O episodio que vou narrar data já de muitos meses — mas, em jornalismo, tudo quanto é inédito é publicavel.

Fala-se muito das proezas dos detectives ingleses e americanos, mas, por instinto de anti-patriotismo, esquecemo-nos dos nossos agentes de investigação policial. Mais elegantes pode haver; mais habéis e mais sagazes não existem. Onde fica a sciencia de deducção de Sherlock ao lado da agudeza ultra-terrestre do nosso Alfredo Maria? Onde ficam as habilidades de disfarce e caracterização de Nick-Carter comparadas com as do Custodio of Dôres?

Quantas vezes este milagroso detective se disfarçou de animal sem que ninguém o conhecesse? E está ainda na memoria de todos aquela fancha á Fregoli, em que ele apparece com um boné de «chauffeur» e um jornalista o abordou para o cumprimentar.

—Não me fale! pede ele em voz tragica. Então não vê que estou disfarçado?

Pois bem. A aventura que vamos narrar foi popularizada pelo Custodio of Dôres.

\*\*\*

Noite de Carnaval. Dia de paroxismo pagão, em que todos os vícios surgem á tona policroma dos bailes, dia de grandes pescas de criminosos para os policias.

Cêrca das duas horas da madrugada de terça-feira gorda, os que passeavam ainda pelo Rossio assistiam a um espectáculo deveras pitoresco, que no primeiro momento os deixou atontados. Do Teatro Nacional saiu um guarda fardado entre dois autenticos fadistas, que o seguravam bem seguro, enclavinando-lhe as garras nas mangas do uniforme. O que queria aquilo dizer? A ousadia da fadistagem teria alcançado tal extremo que eram já os heróis de Alfama quem prendia os policias?

E o trio lá seguiu, com grande algazarra e cercado pelo gentio até ao Governo Civil.

\*\*\*

Nêste mundo tudo tem uma expliação — e este episodio não falta á regra geral.

O nosso Custodio of Dôres, of Lisbon, tinha pretendido, naquela terça-feira gorda, deitar a unha a varios cavalheiros perigosos que ha muito andavam fugidos. Combinou com outro colega a aventura; transformaram-se, com grande sacrificio para as suas elegancias, em autenticos fadistas e assim foram para os bailes. Ora precisamente no baile do Nacional toparam com o Pupa-notas — o celebre vizarista masqué de 1909. Tinha alugado a farda de policia no Cruz e andava a reviravoltar nas salas do teatro, convencido de que assim ninguém o conhecia. E' que não contava com a argueia do Custodio of Dôres. Vê-lo e prendê-lo foi obra de um segundo. E assim se deu o inédito e pitoresco episodio de um policia fardado ir preso para o Governo Civil entre dois fadistas...

# A TROCA DUM NOME

## ou uma confusão presidencial

Ha gaffes e ha gaffes. Esta a que mo vou referir devia ser escrita com G grande.

Mas comecemos pelo principio — e como comecam os romances. Uma manhã de sol radiante (é assim?), entrou no Tejo um transatlantico alemão, uma verdadeira cidade de maravilha que anda pelos mares a visitar outras cidades. Nêste transatlantico viajava um presidente de Republica. Esse presidente era Alessandri, do Chile. Após uns meses de exilio, o seu povo chamava-o para assumir de novo a chefia do Estado.

Um enviado do presidente da Republica Portuguesa, que era, nessa altura, o dr. Teixeira Gomes

... e o notissimo presidente Alessandri que s. ex.ª o recebia ás onze horas.

O estadista chileno, simples e des preocupado, disse logo:

—Yo no tengo jaqué.

—Não faz mal — respondeu o enviado presidencial, passando um rapido olhar de estudo pelo guarda-roupa do illustre visitante. V. ex.ª, sr. presidente, vai muito bem assim.

E foi. O dr. Teixeira Gomes recebeu-o no seu gabinete. A comitiva ficou cá fóra. E. no momento de se despedirem, todos notaram que o presidente português a custo continha no cadeado protocolar um sorriso irresistivel.

Varios passeios pela cidade e uma almoçarada no «Tavares». Durante o almoço, o presidente Alessandri mos-

trava-se preocupado. Por fim, ahi pelas alturas do doce, participou:

—Sabem? Nunca pensei que o Teofilo Braga fosse tão novo. Julgava-o um velho acabrunhado, de voz cansada — e, pelo contrario, vi-o eleante e falou-me com viveza e quasi com mocidade.

Entrecolhámo-nos, assustados. O suor começou a correr pela fronte. Uns cabelos foram-se levantando devagarinho e não tardaram a ficar como baionetas.

Dar-se-hia o caso do presidente Alessandri ser espirita? Teria ele o dom de falar com as almas do outro mundo? Teofilo Braga tinha morrido havia muito tempo.

A custo, e depois de engulir em sêco varias vezes, um português da comitiva indagou:

—Mas v. ex.ª falou mesmo... com o proprio Teofilo Braga?

—Ora essa? Então você não viu? Falei-lhe em Belem...

Estava explicado o misterio. Alessandri soubera, quando foi da implantação da Republica em Portugal, que tinha sido eleito presidente Teofilo Braga — e por ali se ficara. E, ao perceber o equívoco, o português protestou, altivo:

—Perdão! Que errada ideia que no Chile se tem de Portugal. Pensam que somos um país conservador. Depois d'êle já tivemos desasete presidentes sortidos. Ora, pois...

**O homem de taxi**

## OS AMIGOS DE PORTUGAL



MR. ERNEST PRUD'HOMME

da Agencia Havas de Paris actualmente em Lisboa

# O prato DE sonhos

**3.º sonho  
o de Luis Galhardo**

Um dia, deccado pelo fardo do esforço feito p'lo seu grão talento, sonhou que fazia testamento ao Zê Barbosa, o velho Luis Galhardo...

Contaram-lh'o e de ria como um petardo! Decido ao infantil conhecimento deixava-lhe uma acção de assentamento a uma escritura feita em papel pardo.

Outros legados mais tambem lá pôs:— que uma amizade cá ou malsinada nunca, na vida, entre eles se entrepôs...

Deixou-lhe mais: No Parque, livre a entendo, mais um bilhete para o Pó d'arroz ou o pó não fosse Terra, Cinza, Nada!...

**4.º sonho  
o de Antonio Macedo**

P'ra casa, certa noite, foi mais cedo, pensando numa crise monetaria, e, então, sonhou que lá na Candelaria ia casar-se o Antonio de Macedo!!!

A' porta, a multidão metia medo!...

—Do Rio, a Teatralia da mais varia, vestindo a Materiais, na indumentaria do Amor, q'riam saber o seu segredo...

Nisto, acordou do sonho galhofeiro por ver que a noiva, ao levantar o veu, não era mais que o socio Zê Loureiro!!!

E murmurou, p'ra ele, qual Romeu: —Deixa o casorio, entra co'o dinheiro, que o teu amante—ó bicho!—será eu!...

**5.º sonho  
o de Erico Braga**

O velho Erico Braga, ou antes o simpatico

Erico, cuja estetica é modelo, de noite, teve um grande pesadelo por ter sonhado ser autor dramatico.

Ao acordar, o seu utolon scismatico, sem capachinho e a tula sem um pêlo e sem posições dentes, era vê-lo na cama a colher loiro problematico.

Se tal sonhou, depois, melhor o fez:— pegou em varios numeros em francês, mais dez que o Avelino então escreveu,

fez duma mayonnaise um chic amor e, assim, com tal Pomada, fez-se o autor, mas novo pois—chegou, vir e... venceu!!!

## Na despedida de Alberto Barbosa

Alberto: assim partiste p'ra Brasil!... —Da vida, é o maior dos solavancos saltar p'ra além-mar, sobre os barrancos de grades e scenarios cor d'auil!—

Tu, que tens mais talento que dez mil, e tens na tua boca risos francos, lirás que os teus colegas, cá, são brancos tal qual como um bar em mês d'Abil!...

Dizás que o intellecto vai de canga, que a estrada teatral tem mais empenos que as pegás não clo lá, nem com um Ganga...

De resto, faço votos, pelo menos, que voltes livre, mas sem ser de tanga como os teus bisavós quando pequenos...

**G' Mãe Cristo Ne'ô.**

# PROSA de cha velho

## A ultima "charlotada"

Ora, bravo, sr. Segurado! O senhor que, desde o saudoso Antonio Preto até certos «gloriosos» toureiros de hoje, tem encontrado verdadeiras minas de exito e de dinheiro—descobriu agora a corrida ideal para o nosso país.

A «charlotada» de quinta-feira passada foi um modelo de brincadeiras com pontudos, que desejaríamos ver seguido constantemente.

Como diria o *Pinheiro Maluco*—as coisas, de duas uma: ou são a sério ou são a brincar.

Já o velho *aficionado* Carlos Viana dizia, ha dias:

—Isto, em Portugal, é uma vergonha. E' tudo embolado—desde as revoluções aos touros...

...Touros—se é que assim se podem classificar uns bichinhos quadrupedes com uma armação cornea que vão ao Campo Pequeno fazer, de vez em quando—e alguns muitas vezes mesmo—uns certos exercicios acrobaticos...

Se isso tudo está provado e se toda a gente sabe que aquilo é «a mangar com a tropa», o que é que o publico deve exigir: que os figurantes da festança tenham pelo menos—graça...

E que a tinham, os endemoninhados de quinta-feira á noite!

Verdade seja que até pela frequencia se via que ha em Portugal duas categorias de *aficionados*: os que gostam daquilo a sério, e que não tem remedio senão ir a Espanha, e os que gostam daquilo de qualquer maneira...

Estes ultimos—estavam lá todos. E riam como uns perdidos, eles, e como umas perdidas algumas das espécies femininas que os acompanhavam...

Os uncos que trabalharam a sério—muito sérios mesmo, sobretudo quando os miseros quadrupedes lhes roçavam pelas nádegas as protuberancias frontais—foram os *Charlots*, os de cá e os de lá.

Os outros até pareciam mesmo os autenticos *Charlots*—os tais que o sr. Segurado anunciou mas não trouxe... Sabem os senhores o que são os *Charlots*?

São uns bipedes como nós—não sabemos se algum dos nossos leitores excede a conta normal dos pés—que se desengonçam todos e que estão mesmo a pedir «poucas», no que são frequentemente atendidos.

Pois, seis desses animais exibiram a semana passada, no Campo Pequeno, o seu largo repertorio de cambalhotas, de trejeitos, do palhaçadas, com grande gaudío do publico e do sr. Segurado, que conseguiu mais de meia casa com estes elementos de menos de meia tijela...

Os toureiros extra-charlotada eram Rufino, o seu filho Artur, o Coelho, o Cebola, o Carvalho e o *Chiquito de la Audiencia*, a quem um garraio-te teve o desplante de berrar: «Cresce e aparece»...

Pois todos eles foram muito engraçados. E de tal maneira que até o Manoel dos Santos, vendo-os, sorria, embevecido, como se se estivesse vendo ao espelho...

**Mono Sabio.**

## REINCIDENTE



—Como é a terceira vez que te censuro, vou mostrar-te os quartos particulares da esquadra das Mercês...



## por um "lunatico,, de lunetas

Meu caro «Sempre fizer»:

Nesta boa terra portuguesa tudo se transforma para pior... Os automoveis que lá fóra foram inventados para meios de condução aqui degeneraram em maquinas de amarrutar costelas, triturar braços e esmagar cabeças... E raro é o dia em que um desgraçado não vai feito em picado de pasteis... de carne parar á «Morgue». Era natural que as autoridades puzessem fermo, mas em termos, a tais correrias, e 90 á hora, de certos automoveis que andam nas horas... de estalar. Creio, porém, que não houvo na medida repressiva a protecção ao corpinho do proximo, mas apenas o intuito de criar mais uma fonte de receita que esteja sempre a pingar... multas... E vai d'ahi, pega-se em três agentes dos de mais fardo... e olhão policial o despem-se-lhes as fardas... Depois, com uma cara de cuco... á paisana, é mandá-los com um cronometro na mão, caçar... automoveis... Como tudo isto nos ultimos tempos anda azul, um dos argus leva uma braçadeira deste tom... o som. Agora é vê-lós, os três, ocultos pelas esquinas, pelas arvores, pelos quiosques e tapumes, aranhas (ás aranhas) á espreita, estendendo a teia, á coca... da vitima. Os carros de praça, que sejam mosquitos ou moscas, devido a uma untura... de molas, passam como raios... que os partam... O amigo agente com essa gente não se mete... O tiro é para o automovei particular. Contra o preceituado no Decreto de 27 de Maio de 1911, que resa... sem contas que só uma autoridade devidamente uniformizada pode fazer o sinal de paragem, o *paisano* não só faz parar o carro, mas ainda multa o condutor sem dó nem piedade... Alega que o cronometro lhe marcou 90 á hora e, portanto, está multado e muito bem multado.

Ora ha dias, saíram três astutos agentes em serviço... venatorio. Postados de atalaia, um deles saca do

cronometro e espera... Quem espera sempre alcança... Eis que desemloca um «auto» que deveria andar fora dos eixos... das posturas. O agente carrega na mola do cronometro e, com um olho... de couve lombarda, fixa a agulha... Esta não se move... Espanto pintado... a *Ripolin* na carranca do policia... Voltando-se para os colegas, diz-lhes:

—Vocêses veem aquelo automovel a correr? Pois está parado!...

Um dos outros, surpreendido com o dito, volve:

—Isso pode lá ser!... Se estamos a vê-liu *quim* té parece que leva azas nos *pezes*!

—So não *acreditam*, olhem aqui para o *cornometro*!...

Os outros puzeram-se a mirar:

—E' verdade! Mas porque *dialho* será isso?

—E' porque não anda... Nisto não pode haver *duvedas*!... Esta *mánica* é um *estrumento* da autoridade, *eventado* para marcar o andamento dos automoveis... Não é assim? Logo, portanto, não andando o *cornometro*, os automoveis estão parados tambem...

—*Intão*... não se pode *murtar*?

—Está claro!... Estando parados, não podem ser *murtados*...

De volta para a esquadra, o chefe perguntou:

—Então, muitas multas?

—Nem meia, meu *chefe*!... Não sei lá porquê, hoje todos os automoveis andavam... parados.

—Isso pode lá ser!...

—Carregue o meu *chefe* no *cornometro* e verá!...

O chefe, pegando na *mánica*, vê que ela não trabalha:

—Então, devido ao cronometro não andar, os automoveis tambem não andam?

—Sim, enhor, meu *chefe*!...

—Isto o que tem é a mola partida... E o que vocês tem é pancada... na mola.



—E elas com tanta falta de agua...

# VIVAM as calças...

## Ao poeta Silva Tavares

Se as deixardes dominar,  
Passareis vós a ocupar  
Posições tristes e falsas...  
Triste seculo em que a saia  
Toda lépida se ensaia  
P'ra mandar mais do que as calças!

Dantes, usavam sombrinha,  
Agora é só bengalinha,  
E que mais virão a usar?...  
Mais cigarro e mais monócl'o.  
Liberdade por um óculo  
Se as deixardes avançar!...

O cabelo cortadinho,  
Chapeu mole e cigarrinho...  
E' uma independencia atrás!  
Se não tomardes cautela,  
Quando mal derdes por ela,  
São mais homens do que vós!

Quem ha de desta maneira  
Dar a roupa á lavadeira,  
Cuidar da casa e dos filhos,  
Dar as ordens á criada?...  
Ai senhores! Não falta nada  
P'ra vos verdes em sarilhos!

Não deixeis de protestar!  
Vê-las-heis predominar  
E criar posições falsas!  
Ai dos homens! Ai de vós!  
Gritai todos a uma voz;  
—Viva o prestigio das calças!

Namir.

A verdade volta para o peço...



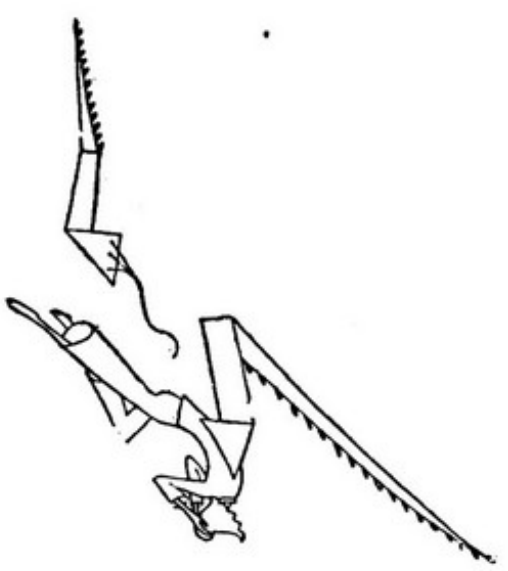
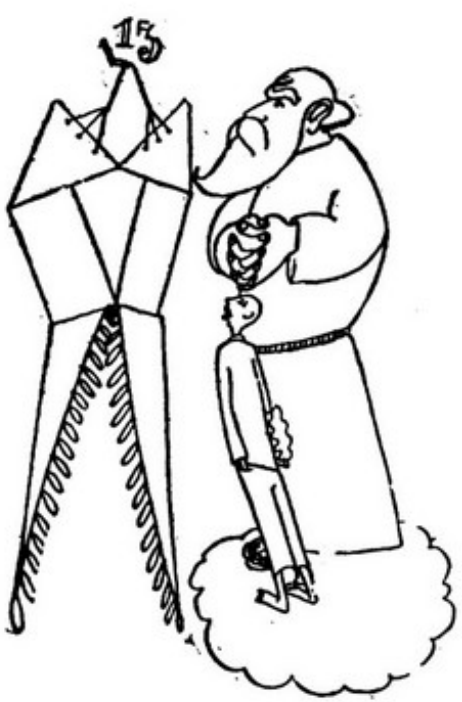
—Meus senhores, aqui está o gato, que pápa o rato, que roe o cabo, que unta a corda...

## Editos de 30 dias

Pela Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste correm editos de 30 dias, nos termos da Carta de Lei de 24 de Agosto de 1948 e Decreto de 5 de Dezembro de 1910, a contar da ultima publicação deste anuncio no «Diario do Governo», citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de duzentos oitenta e oito escudos (288\$00) relativa á liquidación das contas deixadas pelo trabalhador eventual do Serviço de Estudos e Construção, José Antonio Matias falecido em 7 de Maio de 1926 e a cuja quantia se habilitou sua esposa, Mariana Ferreira, como sua unica e legitima herdeira.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aos 29 de Julho de 1926.—O Secretario da Direcção, (a) Jayme Rocha.

# O CONCURSO INFANTIL do *Sempre fixe*



**37**

**40**

**43**

**46**

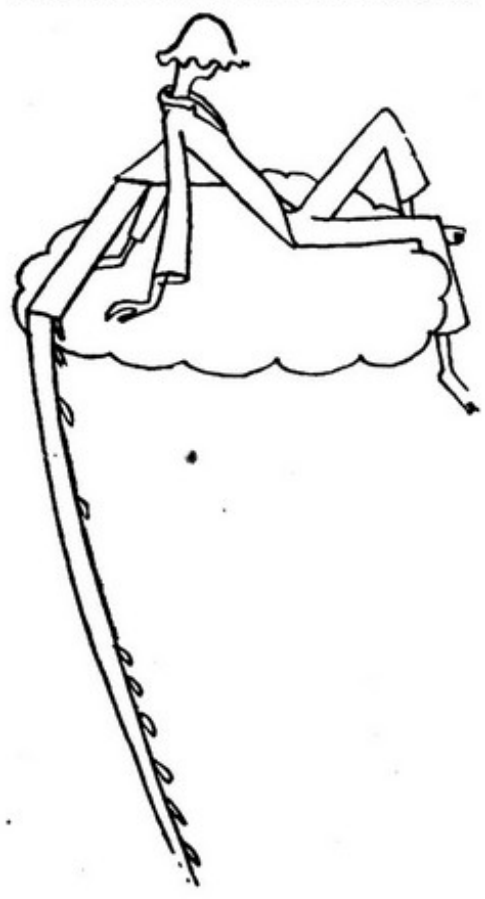
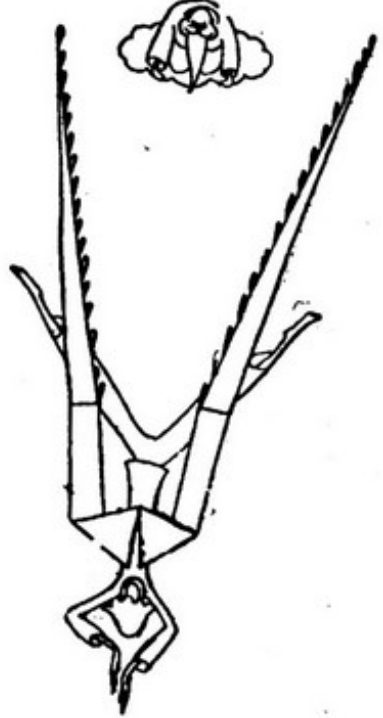


**38**

**41**

**44**

**47**



**39**

**42**

**45**

**48**

### EM PLENO TRIBUNAL



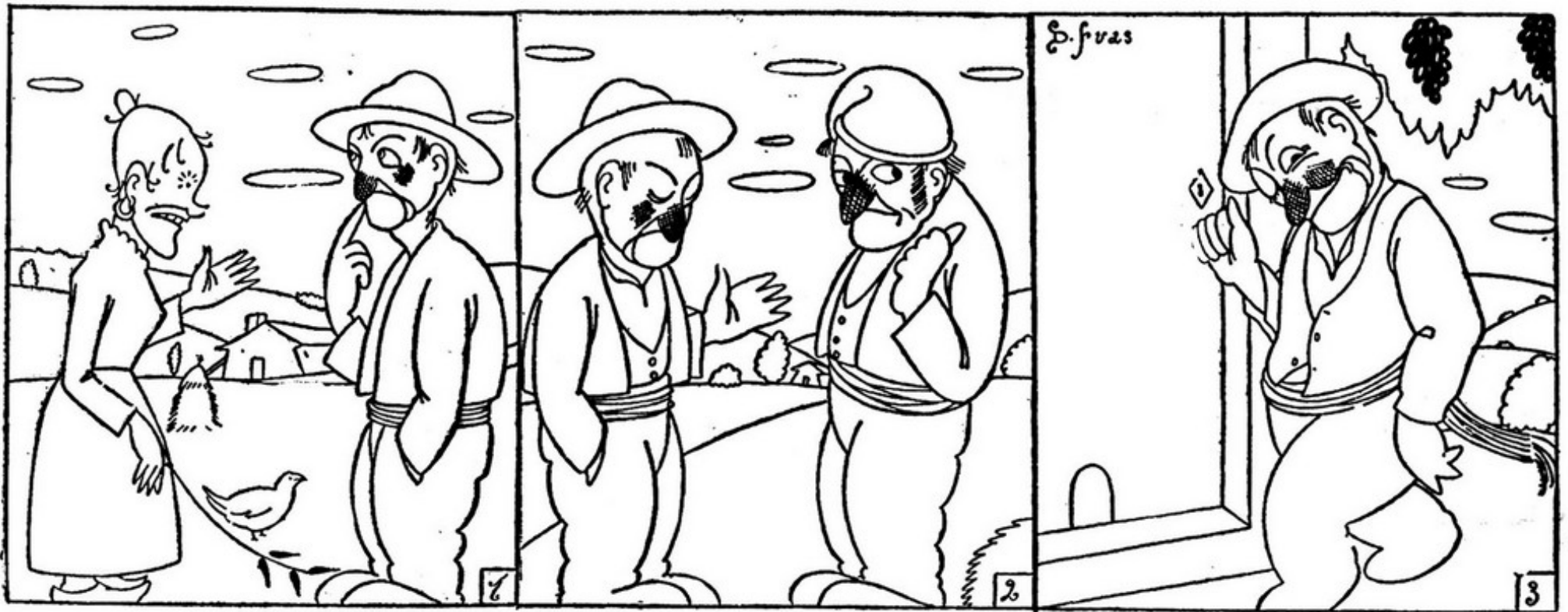
— Porque fez notas falsas?  
 O RÉU — Porque não sabia fazê-las verdadeiras.

### COMO NO COLISEU



Comentário de dois garotos, observando a scena de pugilato:  
 — Olha a perna!

# UM HOMEM HONRADO



— Se esta noite vieres para casa com a rósca, como no sabado, raios me partam se não fôres dormir para a capoeira com as galinlias!  
 — Não te apoquentes, mulher, pois eu hoje não penso provar nem uma gota.  
 — Juras-mo?  
 — Jurar não juro, que é pecado, mas dou-te a minha palavra de homem honrado.

— Tenho uma boa noticia para ti, "Serafim",!  
 — Para mim?  
 — Sim! Ha na "benda" do Zé da Estrada um "binhão", como nunca provaste na tua vida. Vamos provar um quartilho?  
 — Mas só um, Tonio, porque se ele é do "bô", deve ser muito tentador!

— Se a minha mulher me vê assim!... Eu que lhe disse que não pensava prová-lo!...  
 — "Albira",!... "Albirinha", da minha alma!!! Estás na cama?  
 — Então vens como no sabado? Perdido!...  
 — Não, mas mete-me por baixo da porta a chave da capoeira!

(Desenhos de D. Fuz).



— Mas onde está o ceguinho?  
 — Está ali á esquina a lêr o "Sempre Fixe.."



— Você d'antes não era cego?  
 — Sim, minha senhora, mas como me davam só notas falsas, resolvi ser côxo!...